

124

LEANDRO GOMES DE BARROS

O PRINCIPIO

DAS COUSAS

O Cachorro dos Mortos



VOLUME 2

RECIFE

A' VENDA

34—Rua do Alecrim—34

*Original*



— 3 —

## O PRINCIPIO DAS COUSAS

Fazem vinte e quatro annos  
Que o Brazil vive em xarfudo  
Primeiro veio a revolta  
Pouco depois veio canudos,  
Vem agora o padre Cicero  
Para dar cabo de tudo.

O governo Ciarense  
Diz de lá que não afrocha  
O padre do Juaseiro  
Emquanto puder acocha  
O povo pobre sem culpa  
E quem aguenta a brocha

O povo do Ciará  
Detestava o Acyole,  
Botaram Franco Rabello  
Pençando que elle era molle.  
Porem encontraram duro  
Agora quem é que bolle

Ha de morrer muita gente  
Naquelle inculto sertão  
Principalmente os fanaticos,  
Dividido a religião  
Os clamores que hão de haverem  
Farão cortar coração.

O governo aperriado  
É como onça em carniça  
O padre do Juazeiro,  
É pedra dura e massiça  
O povo é fogo de angico  
Faisca quando se atissa.

O padre do Juazeiro  
Onde manda o povo vai  
Se elle disser a um filho,  
Vossê va matar seu pai  
Escute o tiro do rifle  
Espere que o velho cai

O povo fanatizou-se  
Não á quem possa dar geito  
Um erro do padre Cicero  
Tudo acha que é direito,  
Se elle quizer matar um  
Elle morre satisfeito.

O diabo mete a cauda  
Onde ver puliticagem  
O padre confia muito,  
No pôvo que tem coragem  
Se embrulha com o governo  
Vai tudo desta viagem.

Mandou duzentos soldados  
N'um trem de velocidade  
Para ir a missão velha  
E citar a cidade  
Foi quando se conhesseu  
A revolta de verdade

Porque o povo do Franco  
Não chegou com bricandeira  
O povo do padre Cicero  
Não afrouchou a tuincheira  
Só escapou do fuzil  
Quem era bom na carreira

O pôvo do padre Cicero  
É gente que pouco dorme  
Rompem com toda coragem  
Esse tiroteio enorme  
So abandonaram o ponto  
Quando viram tudo em porme,

Muitos alli exalavam  
O suspiro derradeiro  
Já na ultima agonia  
Chamava seu companheiro  
Para vir lembrar-lhe o nome  
Do padre do Juaseiro

Nesse sigundo combate  
O padre Cicero perdeu  
O homem de mais coragem  
Que a elle se offereceu  
O tenente José Dantas  
Que esse de um tiro morreu

Quando a força do governo  
Foi retomar a cidade  
Elle na frente do fôgo  
Com grande ferocidade  
Dizendo: havia com isso  
Com pouco mais é de tarde

N'isso um soldado atirou-lhe  
Cravou-o em cima do peito  
A balla sahiu nas cruces  
Elle disse: inda tem jeito  
Vou ver se mato um tambem  
Para morrer satisfeito.

Porem a força era grande,  
E tinham muita destreza  
Na capital os tratavam  
Pela flor da fortaleza  
Soldados que balliados  
Não dão sinal de fraqueza

O padre Cicero tambem  
Tem algum em seu partido  
Que inda cortado em postas  
Elle não solta um gemido  
Traspassado por dez ballas  
Diz: estou pouco ferido.

Inda algum esmorecendo  
Diz-lhe outro companheiro  
No so padriho padre Cicero  
Não despreza um cangaceiro  
Quem morrer aqui por elle  
Ressusita em jazeiro.

Os Rabellistas tambem  
Dizem alto: vamos ver  
Não ficará desvallida  
A mulher do que morrer  
O governo do Estado  
Não deixa de a proteger.

Mas cada qual se confie  
N'essa <sup>1</sup> ressureição  
Deixe Maria viuva  
Fiado na protecção  
Espere que a vida volte  
E Maria tenha o pão.

Quem vem cahir no embrulho  
E' o léso que lá for  
O padre tem muito arame  
Não lhe faça defensor  
O que vai lá cégamente  
Passa por conspirador.

Os da parte do governo  
Esses lá estão garantidos  
Mas os da parte do padre  
Ficarão todos perdidos  
Se não forem prezos logo  
Serão todos perseguidos.

O pobre é como cachorro  
Quando o dono vai caçar  
Estumá-o apontando o matto  
Dizendo vá procurar  
Senta-se n'um lugar limpo  
Só sai quando elle acuar.

Assim fazem os homens grandes  
Com o pessoal pequeno  
Diz: mate esquarteje esfolle  
Façam tudo que eu ordeno  
Eu não vou porque não posso  
Apanhar sol nem sereno ✕

Se accazo surge uma guerra  
O governo fica mal  
Chama voluntariamente  
O povo nacional  
Pobre vai como soldado  
Rico como official

O soldado no combate  
Achou-se em grande perigo  
No campo de uma batalha  
Sem esperança de abrigo  
Acabou-se a munição  
Parte a mão ao inimigo

Senhor general que ficou  
Na barraca discançado  
Ganha medalhas de ouro  
Pelo serviço prestado  
Se for bom dá mais cem reis  
De aumento para o soldado

Depois de terminar toda  
A questão do Ciará  
O padre ficou quiétinho  
Ninguem vai prendel-o lá  
Os que o chamam padrinho  
Que fiquem gemendo cá

O padre tem muito arame  
Não lhe falta garantia  
Tanto que já desfraldou  
Bandeira da monarchia  
E alli de promptidão  
Espera a hora e o dia

Pão furado do governo  
Derriba penha por penha  
Ver-se-á monte de ossos  
Da cidade até a brenha  
Troveja balas 6 mezes  
Um anno ainda ronca lenha

Santo Deus! que tempo horrendo  
Irmãos matando a irmãos  
Filhos atiram nos paes  
Os moços nos anciãos  
No sangue de quem gerou-os  
Sorrindo lavam as mãos.

Para o povo do governo  
Não haverá retorcasso  
Do padre o que não corre  
Cai sobre elle o prosesso  
Se se livrar da desgraça  
Não escapa do sucesso.

O povo do padre Cicero  
Diz alto que a vida é essa.  
Desgraça não quer conselho  
Boa vida não quer pressa,  
Se a munição se acabar  
Vem de novo outra remessa.

Do jeito que vai a cousa  
Ninguém sabe em que dará  
Rosna o padre em Juazeiro  
Ruje Franco em Ciará,  
Um diz: espere que eu vou  
Responde outro: estou cá  
Diz o Ciará: eu vou  
De chapéo de sel armado  
Diz o Juazeiro: venha  
Meu povo está animado  
O risco que corre o páu  
Corre tambem o machado

## O CACHORRO DOS MORTOS

A fera foi emboscado  
Onde havia uma impoeira  
Carregou um bacamarte,  
Fez de uma pedra trinxeira  
Destante nu quarto delegua  
Da fazenda de Oliyeira

O rapaz chegou em casa  
Já o pai tinha sahido  
Foi ver se achava um jumento  
Que a tempo era sumido  
Um amigo lhe escreveu  
Que lá tinha aparecido

O rapaz disse a mãi d'elle  
Que precisava voltar  
O general lhe pediu.  
Para não se demorar  
Dizendo dê o recado  
A meu pae quado chegar

Quinze minutos depois  
Ouviram grande estampido  
Angelita se assustou,  
Disendo o que terá sido?  
O tiro foi para o lado  
Que o irmão tinha sahido.

Angilita convidou  
A sua irmã Esmeralda  
Disendo vamos aqui,  
A passeio pela a estrada  
Aquelle tiro que deram  
Deixou-me soubstada.

No sertão naquelle tempo  
Podia uma môça andar  
Passavam-se dous trez mezes  
Sem um homem alli passar  
Por isso foram ellas duas  
Não tinham o que receiar.

Calar, um cachorro velho  
Que Sebastião criou-o  
Hia com Floriano,  
Porem a fera amarrou-o  
Que não se sabe porque  
O cicario não matou-o.

Chegaram acharam o irmão  
Morto no meio da estrada  
Elle de dentro do mato,  
Atirou em Esmeralda  
Enfrentou Angelita  
Disendo não diga nada.

Angilita, muito palida  
Mas não estava esmoricida  
Vendo os dous irmãos mortos  
Por uma mão homicida  
Lhe disse: monstro tyranno  
Eu morro e não sou vencida.

Elle lhe disse: Angelita  
Com tudo isso eu sou teu  
Foi dar-lhe um beijo nos labios,  
E Angelita o mordeu  
Elle cravou-lhe o punhal  
Ella alli esmoreceu.

Pondo a mão na punhalada  
Disse: monstro desgraçado  
Aquelle velho cachorro,  
Que está alli amarrado  
Descobrirá este crime  
E tu serás enforcado.



Olhou para um gamileiro  
Que tinha junto a estrada  
Disendo: e tu gamileiro,  
Vistes a cena passada  
Es uma das tistemunhas  
Quando a hora for chegada.

Ja na ultima agonia  
Exclamou monstro assassino  
Tiraste agora trez vida  
E não saceias o destino.  
Isso hei de lembrar-te  
Perante ao Juiz divino.

Não julgues que fica inpunne  
Este sangue no deserto  
Tú não vês tres tistemunhas  
Que estão aqui muito perto?  
Essas perante ao publico  
Dão depoimento certo.

Disse Valdivino: és louca  
Quem viu o que foi passado?  
Disse Angelita: este cão  
Que está alli amarrado  
O gameleiro e as flores  
Dirão no dia chegado

Olhou para o cão e disse:  
Olha meu velho calar  
Tú não tudo ao juiz  
Sem elle te perguntar  
Este velho gameleiro  
Fica para te ajudar

E essa flor que por ella  
Ha festa aqui todo anno  
Ha de tirar a justiça  
De uma suspeita ou engano  
Diz ao juiz venha ver  
Quem matou a Florianno

As trez vidas que roubastes  
Pagarás com tua vida  
Tú has de te arrependeres  
Depois da causa perdida.  
Uma lagrima de dor  
Será por teu pai vertida

Com tudo monstro perdôu-o-te  
Porque fui e sou christã  
A morte de meu irmão  
A minha e a de minha irmã  
Tú hojes mattas a mim  
Outro te mata amanhã

E pondo a mão sobre uma  
Das punhaladas que tinha  
Disse a calar: se fugires,  
Consola minha mãezinha  
E lhe diga que abençoe  
Os pobres filhos que tinha.

Embora que tu não falles  
Pois não te foi concedido  
Mas um olhar bem lançado,  
Dá ideias de um sentido  
Um uivo e um olhar  
Pode ser compreendido.

E alli serrando os olhos  
Quasi a sorrir expirou  
O assassino a olhando  
Chorando se retirou  
Depois bençoeu, isso é nada  
Com toda calma voltou.

Acha-se o 1 volume d'esta obra  
no "Filho da Aguardente"  
Continúa no 3 volume

1027

## AGENTES:

Parahyba (Capital) — Ch. Baptista,

Irmão

Alagoa Grande — Delfino Costa

Guarabyra — A. Baptista Guedes

Em Rio Branco — Manoel Vianna

Em Manaus — Benjamin Cardozo

Em Caruaru — João de Barros

em Pesqueira — José Liberal

Em Pombal (Parahiba) — Camillo X.  
de Farias.

Em Sta Luzia. — Parahyba

José Nunes Figueiredo.

Em todas as bibliotecas particular encontra-se sempre vinte e tantas, qualidades de folhetos deste autor.

Remete-se pelo correio mediante a importancia qualquer quantidade, para qualquer Estado.

O autor reserva o direito de  
propriedade.

(LGB)